

VEREDAS

Revista da Associação Internacional de Lusitanistas

VOLUME 2



FUNDAÇÃO ENG. ANTÓNIO DE ALMEIDA

PORTO, 1999

Coimbra, 5 de Janeiro de 2.001
M. Silva

Veredas

Revista de publicação anual

Volume 2 – Dezembro de 1999

Director:

Helder Macedo

Director Adjunto:

Sebastião Pinho

Conselho Redactorial:

Aníbal Pinto de Castro, Axel Schönberger, Claudio Guillén, Fernando Gil, Francisco Bethencourt, Henry Thorau, J. Romero de Magalhães, Jorge Couto, Laura Padilha, Maria Alzira Seixo, Marie-Hélène Piwnick, Onésimo T. Almeida, Ria Lemaire. *Por inerência:* Ana Paula Ferreira, Benjamin Abdala Jr., Carlos Reis, Christopher Lund, Cleonice Berardinelli, Ettore Finazzi-Agrò, Helder Macedo, Isabel Pires de Lima, José Octávio Van-Dúnem, Regina Zilberman, Sebastião Pinho, T. F. Earle.

Redacção:

VEREDAS – Revista da Associação Internacional de Lusitanistas

Faculdade de Letras

P-3000-447 Coimbra Codex

Telefax +351-239-410088; E.mail: ailusit@cygnus.ci.uc.pt

Edição, administração, distribuição e assinaturas:

Fundação Eng. António de Almeida

Rua Tenente Valadim, 231/325

P-4100-479 Porto

Tel. +351-22 6067418; Fax +351-22 6004314; E.mail: fundacao@feaa.pt

Paginação: José Soares Pinto – Porto

Impressão e acabamento: SerSilito - Empresa Gráfica, Lda./Maia

Autoria da capa: Atelier Henrique Cayatte – Lisboa

Depósito Legal n.º 137737/99

ISSN 0874-5102

Revista integralmente patrocinada pela



FUNDAÇÃO ENG. ANTÓNIO DE ALMEIDA

AS ACTIVIDADES DA ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE LUSITANISTAS
TÊM O APOIO REGULAR DO INSTITUTO CAMÕES

ÍNDICE

| | |
|---|-----|
| AIDA FERNANDA DIAS – Uma bibliografia medieval em suporte electrónico..... | 7 |
| EDUARDO JAVIER ALONSO ROMO – Os escritos portugueses de um jesuíta holandês no Oriente: Gaspar Barzeu (1515-1553)..... | 17 |
| MÁRCIA M. DE ARRUDA BRANCO – Camões, leitor de Sá de Miranda..... | 29 |
| ANNE-MARIE QUINT – Ideias subversivas de um humanista cristão | 49 |
| MARIA THERESA ABELHA ALVES – Padre António Vieira, a exegese escriturária e o Quinto Império | 63 |
| CHRISTOPHER LUND – António Vieira e Menasseh ben Israel: uma aproximação de dois hermeneutas..... | 79 |
| MATILDES DEMETRIO DOS SANTOS – Literatura e História: Cartas Persas e Chilenas | 85 |
| VILMA ARÊAS – Um Primo Basílio da periferia..... | 97 |
| VIRGÍNIA SOARES PEREIRA – Garrett, Fr. Luís de Sousa e Fr. Gil de Santarém | 107 |
| MARIA MANUEL LISBOA – “Num bi nada”: O incesto e a oportunidade perdida n’ <i>Os Maias</i> | 127 |
| MARIA DE LOURDES A. FERRAZ – Camilo leitor de Castilho | 157 |
| DAVID BROOCKSHAW – Macau e os Macaenses: considerações sobre a obra de Henrique de Senna Fernandes e Rodrigo Leal de Carvalho. | 169 |

| | |
|--|-----|
| MARIA ALZIRA SEIXO – O Canto Isolado de Edmundo de Bettencourt..... | 179 |
| APARECIDA DE FÁTIMA BUENO – Das <i>Odes</i> ao romance: a construção do personagem em <i>O Ano da Morte de Ricardo Reis</i> | 195 |
| K. DAVIS JACKSON – O desespero da musa: a paixão e o texto de van- guarda | 213 |
| ISABEL CRISTINA RODRIGUES – <i>Cartas de Sandra</i> de Vergílio Ferreira: a encenação do diálogo epistolar | 223 |
| LUCI RUAS PEREIRA – Vergílio Ferreira ou a paixão da escrita..... | 233 |
| CARLOS D’ALGE – Uma leitura dos romances de José Cardoso Pires | 247 |
| MARIA LUCIA FERNANDES GUELFY – <i>O Delfim</i> : Uma leitura pós-moderna da história..... | 253 |
| CRISTINA ROBALO CORDEIRO – Da <i>Paixão</i> às <i>Vozes da Paixão</i> de Almeida Faria: morfologia de uma metamorfose..... | 271 |
| AMET KÉBÉ – Símbolos e Ideologias em <i>1 Morto e os Vivos</i> de Manuel Rui Monteiro..... | 279 |
| BENJAMIN ABDALA JUNIOR – De vãos e ilhas – imagens utópicas e o mito de Ícaro, em recortes clássicos e contemporâneos..... | 289 |
| DIVA CARDOSO DE CAMARGO – O Primitivismo: apenas velhos “manifes- tos” e “prefácios”?..... | 307 |
| MANUEL ANTÔNIO DE CASTRO – Poética e <i>poiesis</i> : a questão da interpre- tação | 317 |
| JÚNIA DE CASTRO MAGALHÃES ALVES e LÚCIA TRINDADE VALENTE – <i>Harmada</i> : a “fulminância” na escrita de um texto contemporâneo.... | 341 |
| GILMA TIETLER – O erotismo na força da palavra dita..... | 349 |
| EMMANOEL DOS SANTOS – O amor à língua materna no Brasil e a ques- tão do empréstimo..... | 355 |
| BARBARA HLIBOWICKA-WEGLARZ – A situação actual da língua portuguesa na Polónia – (O exemplo da Universidade Maria Curie Skłodowska de Lublin)..... | 363 |

Camões, leitor de Sá de Miranda *

MARCIA M. DE ARRUDA FRANCO

Brasil, Universidade Federal de Ouro Preto

O ciclo poético iniciado por Sá de Miranda só se fecha com Camões: a *aventura* do Renascimento das Letras antigas na língua portuguesa. A questão do relacionamento poético entre os dois poetas ainda não passou do plano das conjecturas eruditas. Aqui serão feitas mais algumas, não tão eruditas.

Camões, muito provavelmente, leu obras de Sá de Miranda. O contrário é menos provável. O poeta da Tapada, no seu retiro, poderia não ter notado Camões na sua rápida e tumultuada passagem pela corte portuguesa, já cego dum olho, em fins dos anos 40 e início dos 50.

Os únicos versos da lírica mirandina em que se pode conjecturar uma referência a Camões são os que fecham o segundo quarteto do metasoneto que encabeça a terceira remessa de poemas de Sá de Miranda ao príncipe D. João, feita de 1550 até fins de 1553:

Todos a tudo o seu logo acham sal;
eu risco e risco, vou-me d'ano em ano:
com um dos seus olhos só vai mais ufano
Filipo, assi Sertório, assi Anibal.

* Este trabalho não seria possível sem o subsídio fornecido pela Fundação Calouste Gulbenkian em 1995.

O poeta, segundo a explicação de Rodrigues Lapa, com os seus dois olhos, é menos feliz no combate das Letras do que esses capitães da antigüidade que, cegos de um olho, foram mais felizes no combate das Armas. “Com um dos seus olhos só”, quem vai mais ufano para a luta com as palavras? Camões, cego dum olho, como os capitães da antigüidade, iria para a batalha da linguagem poética mais ufano do que Sá de Miranda? Esta possibilidade de referência ao fato de Camões ter só um olho, contudo, não prova que Sá de Miranda a ele se referia no soneto.

Mas será que ninguém escreveu a Sá de Miranda falando de Camões? Carolina Michaëlis de Vasconcelos julga possível que isso tenha acontecido: “Quando muito teria este [Miranda] noticias indiretas de Camões por algum amigo, em carta, ou por algum hospede da Tapada recém-chegado da côrte.” (Vasconcelos: 1989, XXXV).

Em um trecho da carta a Sá de Miranda, Manoel Machado de Azevedo, cunhado do poeta, cita, provavelmente, o Camões da tradição castelhana:

Ha de enfrear sua pena
 Como um potro desatado
 Quem quiser ser mais medrado
 Que Camões e João de Mena. (*Ibidem*, 671)

Segundo Teóphilo Braga, este Camões é Vasco Pires Camões, o mesmo que aparece na carta-proêmio do marquês de Santilhana. Nas trovas mirandinas ele está ao lado de Juan de Mena, “tão medrado quanto ele”:

Os versos da Carta de Manoel Machado de Azevedo, escripta a Sá de Miranda, que dizem [...] não se podem entender com Luiz de Camões, como quer o Snr Juromenha. Estes versos foram escriptos quando Sá de Miranda já era cunhado de Manoel Machado de Azevedo, isto é, depois de 1536; a celebridade de Camões só começou em 1546. Aqui toma-se Camões e João de Mena como typos dos poetas recompensados, o que condiz com o que se sabe de Vasco Pires Camões, enriquecido por D. Fernando I com a Alcaidaria de Portalegre e outras muitas terras, e com João de Mena, que no dizer de Ticknor “parece ter sido dotado de genio e character proprio para medrar na côrte.” Sá de Miranda era versado nas obras de João de Mena, das quais cita a Coroação, e é provavel que tivesse noticia dos versos de Vasco Pires Camões, ao menos pela carta do Marquez de Santilhana; mas o certo e indubitável é não ter conhecido Luiz de Camões, nem tão pouco tratou pessoalmente com Ferreira. (Braga: 1871, 325-6)

Teóphilo Braga não sabia ao certo a data do casamento de Miranda, que se deu por volta de 1530, segundo pesquisas posteriores (Pina Martins: 1974, 72). Esse recuo só reforçaria a linha de raciocínio seguida pelo historiador oitocentista. O conhecimento de “Basco Perez de Camoens” ao menos a partir da carta de Santilhana é possível. Na estrofe acima citada da carta de Manoel Machado de Azevedo, o “enfrear da pena” como uma maior dedicação às terras e à agricultura do que às Letras pode ser depreendido da estrofe anterior: “Eu quisera que os saloios / Vos estimassem somente / Porque da vossa semente / Sempre colhereis mais moios.” (in Vasconcelos: 1989, 671).

Na nota 208 ao verso 32 da carta enviada pelo cunhado, Carolina Michaëlis de Vasconcelos concorda com Teóphilo Braga:

Ha divergencia sobre quem seja este Camões. O Visconde de Juromenha [...] e Julio de Castilho [...] pretendem ser o cantor dos Lusíadas; Th. Braga, ao contrario, vê n'elle (n'este ponto damos-lhe plena razão) o terceiro avô do epico, o aulico e poeta Vasco Pires de Camões, de quem falla o Marquez de Santillana na sua Carta ao Condestavel de Portugal. Este foi realmente um dos fidalgos do seu tempo que mais medrou, sendo doado por ELRei D. Fernando [...]. Tantas mercês e doações o tonaram, por assim dizer, o typo proverbial do aulico favorito [...]. A citação dos dous nomes juntos – Camões de João de Mena – leva naturalmente a crêr que se allude a um poeta contemporaneo do poeta cesario de Henrique II de Castella, e tanto mais que não achamos nas obras de Miranda o menor indício de haver conhecido Luis de Camões. Este ultimo na data da carta (posterior a 1536 e anterior a 1558), bem podia já viver e poetar na côrte “farto, querido, estimado, e cheio de muitos favores e mercês de amigos e damas”, mas sem dar motivo a uma nota satyrica como a da Carta, e também sem ter até então provocado, por composições de primeira ordem, a attenção do velho patriarcha da poesia portugueza. (Vasconcelos: 1989, 873)

Carolina M. de Vasconcelos e Th. Braga partem dos mesmos pressupostos. Como ele, ela também desconhece a data mais provável (1930) para o casamento de Miranda com D. Briolanja de Azevedo. O cunhado lamenta o fato de Sá de Miranda não ser o “tipo de áulico favorito”, provavelmente por só ter recebido de D. João III a Comenda das Duas Igrejas... Infelizmente não foi possível ler as “pretensões” do Visconde de Juromenha, nem as de Julio de Castilho. Por outro lado, a referência a um dos temas centrais da lírica camonianiana, o “desconcerto do mundo”, na estrofe seguinte da carta do irmão de D. Briolanja, aponta, de certa forma, para um possível conhecimento de Camões, por parte de

Manoel Machado de Azevedo: “Não queirais emendar tudo / No mundo e seu desconcerto, / De cujos erros é certo / Ouvir, calar, ou ser mudo”. O cunhado répreende Sá de Miranda de, com sua retirada da corte, e com suas “sátiras”, querer colocar o mundo em ordem, isto é, segundo o ponto de vista do “homem dum só parecer”.

De qualquer forma, é muito provável que Sá de Miranda, ao ler os versos do cunhado, pensasse em Basco Pires Camões. Quase com certeza, não teria entendido a alusão, ou “notícia indireta” de Manuel Machado de Azevedo.

Na carta de Jorge de Montemor a Sá de Miranda, o caráter petrarquiano dos versos do autor de *A Diana*, a todo o tempo, nos traz à lembrança versos de Camões. A semelhança de dicção, com base em Petrarca, tanto enquadra a figura de Jorge de Montemor na lírica petrarquista, como possibilita a referência ao universo (mais difundido) da lírica camoniana, obviamente do ponto de vista (anacrônico) do intérprete atual. Seria Montemor tão perverso a ponto de ironizar, tendo em mente Camões, o lugar de “maioral” de Sá de Miranda?

A figura de Montemor tem sido mal conceituada tanto pela crítica do século XIX, por ter escrito em castelhano, como pela do século XX. Eugenio Asensio (1974) acusa-o de plagiar a obra de Lourenço de Cáceres. Montemor teria vertido para o castelhano grande parte de uma carta de Cáceres, dando-a como de sua autoria. Faria o mesmo na carta a Sá de Miranda? Verteria para o espanhol alguns versos de Camões, desconhecidos de Sá de Miranda?

Na carta de Montemor há uma visão do amor a partir das contradições acesas no sujeito como efeito da paixão, contradições expressas por um conjunto de imagens que, para o leitor atual, remetem diretamente para a poética camoniana, como aliás já notara Carolina Michaëlis (1885 / 1989, n. 200, p. 872). O que para um Sá de Miranda ignorante de Camões podia passar por mero recurso retórico que tem um pé em Petrarca, soa, aos nossos ouvidos, como uma ironia da retórica, que vai apontar, insistentemente no seu apelo imagético, para a poética de Luís de Camões.

Há nessa carta uma descrição do estado psicofísico do amante longe da amada que lembra versos de Camões quando diante da amada. Elas podem ter a sua origem em Petrarca, na compreensão do estado amoroso como o de uma subversão da ordem racional das coisas. Os versos 105 e 123 da carta de Montemor, respectivamente “Que io fui vencedor

siendo vencido.” e “En una ora mil vezes mudo el puesto;”, encontram eco no famoso soneto de Petrarca, “Pace non trovo e non ho da far guerra” (Saraiva: 1980, 40), “imitado” por Camões no seu “Tanto de meu estado me acho incerto”.

O único poeta que trata Sá de Miranda como igual é Jorge de Montemor. O único poeta que nunca escreveu a Sá de Miranda e que o suplantara no Parnaso português é Luís de Camões: o segundo engenho melhor do que o mestre?

A referência hiperbólica de Montemor à sabedoria mirandina dá ensejo a uma anedota de Sá de Miranda que declara ter hesitado em responder à carta de Montemor, pois “temia [...] que diria / el que oídos alzara a la respuesta”. Depois da tirada de humor, uma releitura da imagem de Horácio, “La tierra tan preñada que paria?”, Miranda reprova o elogio fácil:

Soltó se en risa todo; tanto cuesta
Esperar mucho viendo por de antojos.
Quanto a mi, quien me loa, me amonesta,

Poniendo me delante de los ojos
Como en pintura lo que seguir devo;
Que en traje de loores son abrojos. (Vasconcelos: 1989, 455)

Existe uma certa ambigüidade no elogio de Montemor que se insinua pelo questionamento da posição invicta de Sá de Miranda. Este exa-gero do cantor de Marfida em relação ao sábio da Tapada, ao seu engenho e fundamento, é visto como “abrolhos trajados de louvores”. Além da ironia em relação à dificuldade rítmica da pena peregrina de Miranda, que outro espinho traz o discurso de Montemor?

Puedes dejar de ser el mas profundo
En ciencia, erudicion que alguno ha sido?
O tu ingenio podrá hallar segundo?

No, cierto, que tan alto te ha subido
Que te pierdo de vista, i no es posible
Poder dejar de ser lo que has sido:

Pues luego claro está que te es possible
Hazer me rico a mi sin quedar pobre.
Que quien podrá vencer al invencible?

Harás que a poca costa tuia cobre
 Tal arte, tal ingenio i fundamento
 Que oro buelva io mi bajo cobre. (Vasconcelos: 1989, 654)

A correspondência entre Sá de Miranda e Jorge de Montemor é do final da vida de ambos os pastores do Mondego, talvez anterior ao massacre de Ceuta de 1553. Dona Carolina data-a de 1552, um ano antes do exílio de Camões, depois da curta e aventureira passagem pela corte. Em 1552-4 já havia alguma difusão da lírica camoniana na corte, mas os versos de Montemor podem ter sido escritos sem ele conhecer a obra de Camões.

A questão central seria averiguar se Jorge de Montemor está ou não se referindo a Camões. Em caso negativo, saber, então, se Camões está, no seu soneto, fazendo uma referência indireta ao célebre autor de *A Diana*, morto, como Miranda, pela metade do século XVI, ou apenas a algum tópico da poesia italiana, ao petrarquismo ou ao *dolce stil nuovo*. A crítica tem se contentado com a segunda hipótese, nem aventando a primeira. Infelizmente, as relações entre Camões e Jorge de Montemor não serão perseguidas aqui. Apenas indicamos uma entrada discutível: no início da passagem em que Montemor se impõe contar o decurso de sua vida, parece haver uma paródia (anacrônica) do fado camoniano (ainda não consumado em 1552) junto à fortuna; em outras palavras, teria Camões lido a carta de Montemor a Sá de Miranda?

De mi vida el discurso io me obligo
 A contar te lo, en breve, aunque mas breve
 Fortuna se mostró para conmigo.

Comigo se estrechó, i no se mueve
 A me subir a mas que a um cierto grado,
 I a me pasar de alli iamas se atreve.

(Montemor: *apud* Vasconcelos: 1989, 654-5)

De qualquer modo, Sá de Miranda, ainda que percebesse alguma ironia por parte de Montemor, referente à sua não mestria do ritmo peregrino, não teria entendido a “notícia indireta” sobre Camões.

A crítica procurou explicar o fato de não haver nenhuma carta de Camões dirigida a Sá de Miranda, apoiando-se na superioridade de Camões (Vasconcelos: 1989, XXXV). O poeta mais jovem, grande leitor

da tradição greco-latina, de certo conheceria as obras do primeiro, o Horácio português. Carolina Michaëlis de Vasconcelos anota que durante o retiro mirandino, Camões, na corte, “confundido no meio de um gruppó de poetas áulicos, rivalizando com elles em certámens poéticos no estylo antigo das voltas e glosas”, não se relacionaria com Sá de Miranda (Vasconcelos: 1989, XXXV). Mesmo que Camões não se tenha aproximado de Miranda, parece bastante improvável que não tenha travado conhecimento das trovas mirandinas, cujos motes e versos foram glosados pelos poetas áulicos, contemporâneos de Camões.

O exemplo de Sá de Miranda, ao continuar a escrever trovas, mesmo depois de ter introduzido a nova medida e as novas formas, foi seguido por quase todos os quinhentistas, menos por Ferreira. Em “Alexo” há explicitamente o elogio das duas medidas e em “Encantamento” as duas tradições poéticas serão objeto de uma argüição temática e formal. O exemplo mirandino será seguido inclusive por Camões.

Teria Camões tomado Sá de Miranda como modelo (ponto de partida) trovadoresco? Como já salientou Cleonice Berardinelli, o poeta genial pode ter-se utilizado de algumas rimas mirandinas (Berardinelli: 1973, 74-7), na glosa do tema do “ímigo de si”. Os dois poetas glosam alguns mesmos motes da tradição trovadoresca.

Atribuído também a Camões, um vilancete que está nas Flores do Lima de Diogo Bernardes, cujo mote foi retirado das redondilhas mirandinas: “Ora cuidar me assegura, / ora me matam cuidados” (Saraiva: 1980, 304), só pode fazer parte de uma conjectura sobre as relações entre Miranda e Camões, na medida em que faz de Diogo Bernardes um intermediário, poeta áulico que muito se relacionou com Miranda e que foi dos primeiros a elogiar Camões.

Em medida velha, Sá de Miranda marca a sua presença, como na glosa do mote “Saüdade minha, / quando vos vería?”, do ciclo da lenda de Inês de Castro (Vasconcelos: 1990, 8), também glosado por Camões e por quase todos os quinhentistas. A glosa de Miranda impressiona pela estrofe final, em que retoma o amor imortal de Pedro e Inês: “Saudade e suspeitas / a torto e a direito, / não sereis desfeitas, / quando eu for desfeito? / Inda o frio peito, / inda a língua fria / por vós bradaria.” (Sá de Miranda: 1977, 36). Na peça de teatro setecentista de Luís Véléz de Guevara, a comédia famosa “Reinar despues de morir”, a glosa de Camões a este mote, acrescida de uma volta, é posta na boca de Inês (Vasconcelos: 1990, 33-44).

Em outras redondilhas, atribuídas tardiamente a Camões, é glosado um mote, “Esperanças mal tomadas”, que o próprio Sá de Miranda, segundo demonstram as descobertas de Helder Macedo (1991), teria glosado duas vezes, isto é, em voltas diferentes, uma conhecida pela tradição editorial, outra desconhecida, encontrada no mesmo manuscrito que traz a versão mais antiga de “Menina e moça...”. No códice 11353 da Biblioteca Nacional de Lisboa, a nova glosa mirandina integra uma série de nove redondilhas da “escola bernardiniana”, marcadas “pela presença tutelar de Sá de Miranda” (Macedo: 1991, 605). As redondilhas sobre o mesmo mote, “Esperanças mal tomadas”, atribuídas a Camões, na opinião de Helder Macedo, deixam entrever um conhecimento do trovadismo mirandino, isto é, do texto das novas voltas mirandinas. Nas redondilhas camonianas, também de atribuição tardia, “Ó meus altos pensamentos”, ainda segundo Helder Macedo, insinua-se um conhecimento do texto de outras trovas mirandinas.

Será que Camões não foi mesmo um leitor das redondilhas mirandinas? Em Portugal, Camões nascia, e, na Itália, Sá de Miranda escrevia a sua belíssima cantiga em redondilha maior, “feita dos grandes campos de Roma”: um madrigal à tradição da lírica trovadoresca portuguesa, através duma declaração de amor ao sistema poético ibérico, que exercia o seu poder mesmo tão longe da península... O conhecimento de Camões da poética mirandina parece se evidenciar, a partir do estudo de Helder Macedo, acima mencionado, sobre a nova versão mirandina do mote “Esperanças mal tomadas”.

Sá de Miranda

Esperanças mal tomadas
agora vos deixarei
tam mal como vos tomei.

Tomei-vos sem fundamento
e caístes sobre mim;
éreis vãs, éreis de vento,
mas eu quis-vos sempre assi.
Convosco até qui vevi,
agora vos deixarei
pior do que vos tomei.

Camões

Esperanças mal tomadas
Agora vos deixarei
Tão mal como vos tomei.

Fostes tomadas em vão
De mim e sem fundamento.
Vós éreis todas de vento
E eu dele vivia então;
Se vos tomei sem razão,
Com ela vos deixarei
Tão mal como vos tomei.

Trabalhei por vos sofrer
 fiz tudo quanto podia;
 este engano, esta prefia
 a isto havia de vir ter.
 Já nam pode menos ser
 senam que vos deixarei
 mui mal,qu'assi vos tomei.

Assim vos queria ter
 Sem razão e mal tomadas,
 Sabendo, quando deixadas,
 Quanto havíeis de doer;
 Mas nem isto pode ser,
 Que por meu mal vos tomei
 E por vós me deixarei.

Tudo me desenganava
 eu só me quis enganar;
 via que o que esperava
 era não ter que esperar.
 Tempo é de vos deixar,
 pera isto me guardei,
 agora vos deixarei.
 (Apud Macedo: 1991, 606-7 e 610-11)

Quereis que faça mudança!
 De vós outro bem não entendo.
 Isto se ganha em vos vendo,
 Isto só de vós se alcança.
 Mas esta vã esperança,
 Senhora, se eu a tomei,
 Por vós, como a deixarei?

Para Helder Macedo, “o que [...] importa acentuar aqui é que uma comparação entre o poema agora revelado de Sá de Miranda e o atribuído a Camões logo torna evidente que não foi apenas voltas sobre o mesmo mote que o autor deste fez, mas sim uma paráfrase ou imitação poética das próprias voltas que sobre esse mote Sá de Miranda havia feito.” (Macedo: 1991, 610). Paralelamente à leitura camoniana do tema do “ímigo de si”, como salientou Cleonice Berardinelli (1973), aqui, o poema atribuído a Camões, responde a alguns dos impasses criados pela pena mirandina, a partir de uma dicção lírica de cunho camoniano, que faz uma paródia do léxico mirandino.

Se no vilancete de Sá de Miranda as “esperanças vãs” devem “ser deixadas”, no atribuído a Camões, elas não o podem ser, pois são o único bem que resulta da visão da Senhora; no vilancete camoniano, o amante se “deixará a si mesmo”, em “vão dele mesmo”. Há, nas voltas camonianas, um jogo cortês com o referente evocado: o poeta começa por se dirigir, como nas voltas mirandinas, à esperança mal tomada, para, na última volta, evocar a própria senhora. Sá de Miranda “se enganava” com as “esperanças de vento”, mas se guardou para poder deixá-las; na glosa camoniana, o sujeito poético “sabe” que as “esperanças de vento” fazem parte do processo amoroso, por isso prefere deixar-se a si e não a elas, restauradas a cada vez que volta a ver a senhora, lembrando o fecho de um soneto castelhano de Sá de Miranda: “Por verte soy yo tal, y buelvo a verte!”. A solução mirandina (Já não pode menos ser) é um

apelo à razão do sujeito; a camoniana (Mas nem isto pode ser), à desrazão do amante.

Para Helder Macedo (1991, 611-2), esta não seria a “única composição de Camões inspirada no novo poema de Sá de Miranda”. Outro vilancete, também atribuído tardiamente a Camões, “Ó meus altos pensamentos”, deixa entrever uma leitura não só das duas glosas mirandinas ao mote “Esperanças mal tomadas”, mas também – através de uma “correspondência imagística” (castelos, vento, altura, queda) – de outro famoso vilancete mirandino, “Ó meus castelos de vento”.

Sá de Miranda

Ó meus castelos de vento
que em tal cuita me pusestes,
como me vos desfizestes!

Armei castelos erguidos,
esteve a fortuna queda
e disse: Gostos perdidos,
como is a dar tam grã queda!
Mas, oh! fraco entendimento!
em que parte vos pusestes
que então me não socorrestes?

Caístes-me tam asinha,
caíram as esperanças;
isto não foram mudanças,
mas foram a morte minha.
Castelos sem fundamento,
quanto que me prometestes,
quanto que me falecestes!
(Sá de Miranda: 1977, 18-9)

Camões

Ó meus altos pensamentos,
quão alto que vos pusestes
e quão grande queda destes!

Como de mim vos não vinha
serdes firmes num estado
(pois o viver enganado
era o maior bem que tinha),
castelo desta alma minha,
quão alto que vos pusestes
e quão grande queda destes!

Sabia que éreis de vento,
como quem vos viu fazer;
inda assim vos queria ter
como éreis, sem fundamento.
Quem vos desfez num momento?
Ai! quão alto vos pusestes
e quão grande queda destes!
(Camões: 1980, 316)

A releitura camoniana também se evidencia na estrutura do mote: Camões mantém a invocação e as rimas (repete “pusestes”) do mote mirandino. Os versos finais da segunda volta camoniana também mantêm o paralelismo sintático presente na volta final de Miranda. Aqui a pena mirandina não segue sem vacilar o caminho da razão. O “entendimento”, como em algumas esparsas, é visto como “fraco” diante da força da paixão, foge da vontade e não pode socorrê-la. Em Camões, o espaço do “pensamento” não é preenchido com nada razoável, ele está impreg-

nado de paixão. Há mesmo uma tradução paródica dos “castelos de vento” como “altos pensamentos”, lembrando o decassílabo mirandino “minhas visões altas, meu só bem”. A ilusão amorosa, na pena mirandina, é desfeita pelos “gostos perdidos” e pela queda das esperanças, ou seja, quando a amada deixa de corresponder ao amante, talvez por ter encontrado outro servidor. Na pena camonianiana, independente da correspondência amorosa, como na glosa de “Esperanças mal tomadas”, “o viver enganado era o maior bem” do amante. Insinua-se, porém, o ciúmes de um rival na questão não respondida de quem, num momento, teria desfeito os “castelos de vento”, ou os “altos pensamentos” do amante desiludido.

Outra relação tornada possível entre as redondilhas camonianianas e mirandinas, não foi apontada por Helder Macedo, mas pode ser conjecturada a partir da glosa mirandina, editorialmente conhecida, do mote “Esperanças mal tomadas”. Será citada a edição de 1614, por ser a mais conveniente:

Esperanças mal tomadas
Agora vos deixarey
Tam mal como vos tomey

Que vida ha de ser a minha,
Por tempos, nẽ por mudanças
Que possam vir? pois nã tinha
Mais bẽ que estas esperanças
Agora às desconfianças?
As sospeitas, que farey?
Como me defenderey?

Conselhos mal atinados
O tempo ao menos vos canse,
Partam cuidados, e vam[-]se,
Mas porém, ó que cuidados?
Deixemos erros passados
Em q[ue] por meu mal entrey,
E por meu mal sayrey. (Sá de Miranda: 1614, fo 152)

A correspondência temática entre esta glosa mirandina e os dois vilancetes atribuídos a Camões também é evidente: as “esperanças”, ou os “altos pensamentos” como o “único bem” e a referência à “mudança” e aos “ciúmes”. De resto, permanece a “imitação poética” de cunho parodístico.

Na edição de 1614, o verso 4 da segunda volta, que parece estar na base das famosas redondilhas camonianas sobre o mote “Mas porém a que cuidados?”, aparece com a seguinte lição: “Mas porém, ó que cuidados?”. Em relação às famosas redondilhas camonianas, há uma pequena alteração (ó para a), talvez feita por D. Francisca de Aragão – a musa de D. Manoel de Portugal, poeta e amigo de Miranda – quando enviou a Camões a regra.

Antes não teria Camões travado conhecimento das próprias voltas mirandinas? Nas outras versões do vilancete mirandino o verso aparece com a seguinte lição: “e porém, oh! que cuidados!” (Lapa: 1977, 11), sem o “mas”, indiciando, quem sabe, o último sentido dado ao mote pela pena camoniana... As variações de sentido construídas pelas voltas de Camões a esse mote podem ter sido sugeridas pelo questionamento do sentido de “cuidados”, presente nos versos 3 e 4 do vilancete mirandino: “Partam cuidados, e vam-se / Mas porém, ó que cuidados?”, que instala uma ambigüidade nos “cuidados”, ora ciúmes, ora reflexão contra a “cuita”, ora prazer com o cuidado amoroso, ora decepção com o cuidado reflexivo. Convém citar as voltas de Camões dedicadas a dona Francisca de Aragão, glosando o mote: “Mas porém a que cuidados?”

Volta

Tanto maiores tormentos
foram sempre os que sofri
daquilo que cabe em mi,
que não sei que pensamentos
são os para que naci.
Quando vejo este meu peito
a perigos arriscados
inclinado, bem suspeito
que a cuidados sou sujeito:
mas porém a que cuidados?

Outra ao mesmo

Que vindes em mi buscar,
cuidados, que sou cativo
e não tenho que vos dar?
Se vindes a me matar,
Já há muito que não vivo;
se vindes, porque me dais
tormentos desesperados,

eu, que sempre sofri mais,
 não digo que não venhais:
mas porém a quê, cuidados?

Outra ao mesmo

Se as penas que Amor me deu
 vêm por tão suaves meios,
 não há que temer receios,
 que val um cuidado meu
 por mil descansos alheios.
 Ter nuns olhos tão fermosos
 os sentidos enlevados
 bem sei que, em baixos estados,
 são cuidados perigosos.

Mas porém, ah! que cuidados! (Saraiva: 1980, 77-8)

No final da primeira volta, a função dos “cuidados” é diferente. Sá de Miranda quer a partida dos cuidados, Camões se reconhece sujeito aos cuidados. Os dois acabam se interrogando pelo significado da expressão “cuidados”. Na segunda volta, os cuidados são um vocativo, isto é, o poeta passa a eles se dirigir como um “vós”. No final, muda o sentido do mote, perguntando-se sobre a finalidade (a quê) dos cuidados. Na terceira, o sentido negativo dos cuidados desaparece, e nem por isso está ele falando de uma reflexão filosófica. Ainda no campo da lírica amatória, Camões transforma o sentido de cuidado amoroso para o de prazer amoroso.

Essas conjecturas não podem provar a veracidade do conhecimento de Camões das voltas mirandinas, mas podem insinuá-la. Há outros momentos em que também parece insinuar-se uma releitura camoniana de versos mirandinos. Por exemplo, o verso final da esparsa: “A uma obra intitulada ‘Bula de Amor’ “ (Sá de Miranda, 1977, 57).

A bula de amor que não perdoa a dor e a pena serve para os amores trágicos de Leandro e Hero, mas “não é pera toda a gente” (Ibidem). Quem concebe o amor com essa bula, pode muito abarcar do Amor e do próprio fazer de bulas de amor, mas nunca os aperta, sendo sempre um esforço fadado ao insucesso: “assi que de amor e dela / mais se abarca que se aperta” (Ibidem). Este último verso retoma um outro de Petrarca: “e nulla stringo, e tutto ‘l mondo abbraccio” (Petrarca: 1993, 32). Provavelmente, o famoso verso de Camões “O mundo inteiro abarco e

nada aperto” teve como fonte tanto a esparsa mirandina como o soneto de Petrarca, sendo uma leitura indireta dos tempos enfrentados pela cultura portuguesa que o mundo inteiro abarcara sem nada apertar.

Com a crítica feita no calor da hora aos engodos da empresa marítima, o poeta, para o juízo oitocentista, se transforma em vate: prevê a ruína do império português, ainda na primeira metade de quinhentos. Dele dirá Carolina Michaëlis de Vasconcelos: “foi [...] também um dos primeiros que pressentiu o perigo e apontou, profeticamente, para a origem do mal futuro.” (Vasconcelos, 1989, V). Por isso, a crítica de Sá de Miranda ao comércio de especiarias tem sido aproximada daquela feita pelo Velho do Restelo, defensor das tradições ibéricas e crítico da aventura indiana: “O Velho do Restelo fustiga a ambição desmedida dos navegantes portugueses, preanunciando, como Sá de Miranda já antes, a ruína econômica de Portugal, de um Portugal já despovoado.” (Pina Martins: 1981, XXVI).

Não é apenas Pina Martins que aproxima Sá de Miranda do personagem venerando d’*Os Lusíadas*, na *Fênix Renascida* a associação é clara:

Acode então hum velho, que ha cem annos
Sempre cantara em versos Lusitanos,
[...]
Aqui chegando um tempo grão Miranda
Molhava toda a barba veneranda. (in Garcia: 1984, 85-6)

A aproximação entre o discurso anti-indiano de Sá de Miranda e o do Velho do Restelo pode ser depreendida por uma leitura atenta desse episódio do canto épico. Algumas imagens e conceitos parecem referir-se a certas passagens da obra mirandina, como por exemplo os versos:

Deixas criar às portas o inimigo,
Por ires buscar outro de tão longe,
Por quem se despovoe o Reino antigo,
Se enfraqueça e se vá deitando a longe! (*Lus.*, IV, 101)

lembram, como indica o editor d’*Os Lusíadas*, Emanuel Paulo Ramos (2a ed, 1978, p.450), a famosa quintilha da Carta de Sá de Miranda a António Pereira Marramaque: “Não me temo de Castela, / donde inda guerra não soa; / mas temo-me de Lisboa, / que, ao cheiro dessa canela, / o Reino nos despovoa” (Sá de Miranda, 1977, vol. II, 83). Outra quin-

tilha da mesma Carta parece ter sido aproveitada por Camões. As redondilhas de Sá de Miranda:

Foi sem malícia e mau erro
a boa idade dourada,
apressou-se a prateada,
não tardou nada a de ferro,
que tudo pois à espada. (Sá de Miranda, 1977, 92)

ressoam nos decassílabos que Camões põe na boca do Velho do Restelo: “Mas, ó tu, geração daquele insano / Cujo pecado e desobediência / [...] / Da quieta e da simpres inocência, / Idade de ouro, tanto te privou, / Que na de ferro e de armas te deitou:” (*Lus.*, IV, 98).

A crítica à artilharia, como um mal uso do fogo, também está presente tanto na *fala* do Velho do Restelo como na Carta de Sá de Miranda a Pero de Carvalho. Diz Sá de Miranda:

O fogo que nos foi dado
às tantas necessidades,
não quis que fosse apreçado;
fará e fez no passado
em pó já muitas cidades.

Deste engenho que diremos,
de que nós tais gabos damos,
com quem tudo acometemos?
quantas vezes dele usamos
mal, e como não devemos?

Dom do Céu nosso especial,
e veo a ser todavia
este homem racional
tam engenhoso em seu mal,
como ontem na artilharia! (Sá de Miranda, 1977, 69-70).

E n’*Os Lusíadas* o Velho lamenta: “Trouxe o filho de Jápeto do Céu / O fogo que ajuntou ao peito humano, / fogo que o mundo em armas acendeu, / Em mortes, em desonras (grande engano!)” (*Lus.*, IV, 103).

A crítica às Descobertas como uma aventura desmedida, através da citação dos exemplos clássicos de Ícaro e Faeton, “dando / um nome ao

mar, e o outro, fama ao rio”, também aproxima a *fala* do Velho do Restelo de outra Carta mirandina, a dirigida ao seu irmão Mem de Sá:

Aperfiou e caiu
 Faeton do carro do dia,
 que ao pai por seu mal pediu;
 sentiu a terra, sentiu
 um rio da Lombardia.
 Não soube Ícaro reger
 as asas que houve de seu;
 subindo, veu a decer,
 aos peixes deu de comer
 e ao mar novo nome deu. (Sá de Miranda, 1977, 72).

O episódio do Velho do Restelo termina assim:

Não cometera o moço miserando
 O carro alto do pai, nem o ar vazio
 O grande arquitecto co filho, dando,
 Um, nome ao mar, e o outro, fama ao rio.
 Nenhum cometimento alto e nefando
 Por fogo, ferro, água, calma e frio,
 Deixa intentado a humana geração.
 Mísera sorte! Estranha condição! (*Lus.*, IV, 104).

A primeira estrofe do Canto V d’*Os Lusíadas* abre com uma referência ao Velho do Restelo: “Estas sentenças tais o velho honrado / Vociferando estava, quando abrimos / As asas ao sereno e sossegado / Vento, e do porto amado nos partimos” (*Lus.*, V, 1). Em seguida, é retomado um costume dos navegadores portugueses ao largarem do cais: “E, como é já no mar costume usado, / A vela desfraldando, o céu ferimos, / Dizendo: – Boa viagem! Logo o vento / Nos troncos fez o usado movimento” (*Lus.*, V, 1).

Este costume usado no mar e outros signos da navegação serão usados por Sá de Miranda para simbolizar a *aventura* com o novo metro e as novas formas. Na dedicatória a D. Manoel de Portugal, a encabeçar a primeira égloga vernácula mirandina, *Encantamento*, o poeta compara a sua gesta de introdutor do novo gosto italiano com a de Horácio, que introduziu o ritmo grego na língua latina, e também com a gesta dos portugueses. Sá de Miranda abriu os portos da língua aos cantares

peregrinos. Os outros quinhentistas, de D. Manoel de Portugal a Camões, podem seguir a viagem iniciada por Sá de Miranda, que “fez o que pôde”:

[...] Já que fiz
 aberta aos bons cantares peregrinos,
 fiz o que pude, como por si diz
 aquele, um só dos líricos Latinos;
 provemos esta nossa linguagem,
 e, ao dar da vela ao vento: Boa viagem[!] (*Ib.* 223)

Com essa breve aproximação não se pretende afirmar que o Velho do Restelo seja uma referência explícita de Camões a Sá de Miranda, mas sim salientar que havia em quinhentos um discurso anti-indiano construído a partir de determinados pontos-chave: o mau uso do fogo, o despovoamento do reino, a ambição desmedida, etc.; pontos que se encontram tanto no discurso do Velho do Restelo como nas cartas mirandinas. Há um detalhe que opõe o Velho do Restelo a Sá de Miranda, o primeiro amaldiçoa o canto da gesta marítima: “Oh! Maldito o primeiro que, no mundo, / Nas ondas vela pôs em seco lenho! / Dino da eterna pena do Profundo, / Se é justa a justa Lei que sigo e tenho! / Nunca juízo algum, alto e profundo, / Nem cítara sonora ou vivo engenho, / Te dê por isso fama nem memória, / Mas contigo se acabe o nome e glória!” (*Lus.*, IV, 102); e o segundo, como poeta que é, toma uma atitude muita diversa.

Outro exemplo, em que se pode rastrear uma releitura camoniana da *aventura* poética mirandina, diz respeito à compreensão da dinâmica de circulação da obra poética. Sá de Miranda sabia que a questão da variação do sentido depende muito dos “leitores” e não apenas do “pelejar” pela forma perfeita: “Quem muito pelejou como irá são? / Quantos ledores, tantas as sentenças; / C’um vento velas vem e velas vão”.

O sentido deste terceto é o de que a poesia tem o seu entendimento armado numa relação que se dá entre texto e leitor. Justamente por esta razão não seria possível manter-se a expressão poética ligada a um único significado. O poeta sabia não ter o poder de controlar a contaminação do sentido dado ao poema pelos olhos que o lêem, pois, uma vez lançado ao mundo, será interpretado conforme o leitor e ainda conforme a época. Este saber é possível porque é no século XVI que se forma o campo hermenêutico do homem moderno, fundado na figura do sujeito que se retira do mundo, por iniciativa individual, para poder conhecê-lo (Gumbrecht: 1993).

Esta compreensão da dinâmica da recepção da obra poética está lapidarmente expressa (Garcia: 1984, 15) no verso 13: “Quantos ledores, tantas as sentenças”. No seguinte, fecho do poema, ela vem expressa pela construção de uma imagem que tem sido analisada tendo em vista o aproveitamento sábio dos movimentos das velas. Quando a posição das velas muda, a embarcação se move em sentido oposto. Paralelamente, no nível metafórico, dando às velas – versos – um sentido (orientação) diferente, os leitores lhes atribuem suas próprias “sentenças” (interpretações).

O mesmo vento que leva e traz as naus é a poesia. Rodrigues Lapa, embora por outro percurso, também descodifica assim essa metáfora (Lapa: 1960, 31).

Tal maneira de encarar a circulação da poesia constitui outro tópico do magistério mirandino. Ela se estende a outros quinhentistas e está na base dos famosíssimos versos de Luís de Camões: “E sabeí que, segundo o amor tiverdes, / tereis o entendimento de meus versos” (Saraiva: 1980, 13). O sujeito da experiência amorosa orientará o sentido do poema.

Para concluir, convém citar Carolina Michaëlis de Vasconcelos, quando assegura a importância de Sá de Miranda e de sua reforma poética para o florescimento da poesia quinhentista portuguesa: “sem Miranda não tínhamos um Bernardes; sem Miranda não havia um Ferreira, um Caminha; sem Miranda não florescia um Camões!” (Vasconcelos: 1989, XXXVI).

Bibliografia

- ASENSIO, Eugenio, *Estudios Portugueses*, Paris, F. Calouste Gulbenkian, 1974.
- BERARDINELLI, Cleonice, “A dimensão tradicional da lírica camoniana”, *Estudos Camonianos*, Rio de Janeiro, MEC, 1973.
- BRAGA, Teófilo, *História dos Quinhentistas: vida de Sá de Miranda sua escola*, Porto, Imprensa Portuguesa, 1871.
- CAMÕES, Luís Vaz de, *Os Lusíadas*, 2.^a ed., Porto, Porto ed., 1978.
- GARCIA, Alexandre M. (org., pref., e sugestões para análise literária), *Poesia de Sá de Miranda*, Lisboa, Comunicação, 1984.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich, “O campo não hermenêutico ou a materialidade da comunicação”, *Cadernos do Mestrado – Literatura*, Rio de Janeiro, UERJ, 1993.

- LAPA, Rodrigues, *Poesias escolhidas de Sá de Miranda*, Belo Horizonte, Itatiaia, 1960.
- MACEDO, Helder, “Sá de Miranda, Bernardim Ribeiro e a escola bernardiniana”, *Estudos portugueses*, Hom. à Luciana Stegagno Picchio, Lisboa, Difel, 1991.
- MARTINS, V. de Pina, “Sá de Miranda, poeta e inovador”, *Cultura Portuguesa*, Lisboa, Verbo, 1974.
- *O Humanismo na obra de Camões*, Separata dos Arquivos do Centro Cultural Português (XVI), Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 1981.
- PETRARCA, Francesco, *I poeti Italiani / 2*, Roma, l'Unitá, 1993.
- SÁ DE MIRANDA, Francisco de, *Obras Completas*, 2 vols. 4.^a ed., Organização prefácio e notas de Rodrigues Lapa, Lisboa, Sá da Costa, 1976-1977.
- *As obras do doutor – agora de novo impressas com relação de sua qualidade e vida*, Domingo Fernandes livreiro, 1614.
- SARAIVA, Maria de Lurdes, (pref. e notas) *Lírica de Camões*, 3 vols., Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1980.
- VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de, *Poesias de Francisco de Sá de Miranda*, (1885), edição fac-similada, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1989.
- *A saudade portuguesa*, Aveiro, Estante, 1990.

